



Entrevista com René Roussillon

Entrevista concedida por René Roussillon, membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Paris, em 27 de outubro de 2009, à Comissão Editorial da Revista de Psicanálise da SPPA: Tula Bisol Brum, Luisa Maria Rizzo, Neusa Knijnik Lucion, René Roussillon, Zelig Libermann, Flavio de Oliveira e Souza, Patrícia Fabrício Lago, Lúcia Thaler e Rosane Schermann Poziomczyk.





RP – *Gostaríamos que o senhor nos falasse de sua trajetória pessoal e profissional, de sua formação analítica e das influências – psicanalíticas ou não – que contribuíram para o seu modo de pensar a mente humana.*

RR – Começemos por minha trajetória pessoal. Quando adolescente, era apaixonado por matemática e, ao mesmo tempo, enfrentava algumas questões difíceis: tinha crescido muito depressa, não me sentia muito bem comigo mesmo e comecei a ler livros sobre psicanálise. Havia um livro com a foto do seu autor, que parecia um cara perfeito, nenhum detalhe a criticar. Eu disse para mim mesmo: vou fazer psicanálise para ser assim. Mas, primeiro, dediquei-me muito à matemática. Preparei-me para ingressar numa das ditas *Grandes Écoles*¹ na França. Depois, vivi um momento complicado com meu pai, que me disse para eu ir embora de casa. Eu me dedicava muito à dança e saía muito e isto não lhe agrava em absoluto. Num belo dia, minha mãe, que me protegia, deixou de fazê-lo; então, acabei sendo posto porta afora e tive que me virar.

Comecei a trabalhar para ganhar dinheiro e me sustentar, o que é possível fazer quando se está na universidade, mas não quando se está estudando para ingressar numa *Grande École*. Nesta época fui à procura de um psicanalista e tinha dezoito ou dezenove anos quando iniciei minha análise. Na verdade, a situação real me colocou diante da escolha de dar a volta ao mundo para dançar – o que fez uma parte dos meus amigos – ou então ocupar um lugar no divã para começar um tratamento. Escolhi o divã enquanto os amigos com quem eu dançava partiam com grandes *troupes*: Béjart, Béji, todos os grandes.

Um parêntese a respeito disso: mais tarde, compreendi que estava certo, porque, por volta dos trinta e cinco anos, todos eles largaram as companhias de dança e se tornaram professores em escolas de pequenas cidades. Eles se cansaram, enquanto eu... que fôlego! Ficou cada vez mais interessante! Isso é importante porque sempre tive uma relação muito forte com o corpo, o ritmo, a dança e em toda a minha trajetória psicanalítica, esta relação está presente.

Comecei a estudar psicologia e, ao mesmo tempo, a analisar-me. Meu primeiro cargo de psicólogo foi numa espécie de favela, que, para nós, na França, são os bairros de periferia, onde carros são queimados. Vocês devem ter ouvido falar de tudo o que aconteceu em nossos subúrbios. Nesses lugares, na clínica, não se podia negligenciar o corpo, porque havia muitos casos de passagem ao

¹ N.T.: As *Grandes Écoles* são estabelecimentos públicos de ensino superior de altíssimo nível, gozando do maior prestígio. O acesso a estas escolas é extremamente seletivo e requer muita preparação. Não se confundem com as universidades.



ato. Então, durante vinte anos, trabalhei no subúrbio de Minguettes, perto de Lyon, com adolescentes muito difíceis, com crianças e pais de famílias em péssima situação, com pacientes psicóticos e introduzi ali a psicoterapia psicanalítica. Fazíamos até mesmo visitas e hospitalizações a domicílio, íamos trabalhar na casa das pessoas. É o que Selma Fraiberg denomina *kitchen therapy*, exceto que nós fazíamos isso por volta do ano de 1975, ou seja, dez anos antes dela, mas sem este maravilhoso termo *kitchen therapy*. Dizíamos simplesmente *visita a domicílio*. Isto é importante para se entender como, paralelamente, comecei minha formação de psicanalista. Eu era o mais jovem na França, pois não era comum que as pessoas fizessem psicanálise muito cedo e se tornassem psicanalistas antes dos trinta anos. A média de idade era de quarenta anos ou mais. Então, no meu caso, a formação psicanalítica aconteceu muito cedo, mas era aquela dos anos setenta: diferença dos sexos, diferença de gerações, castração, cena primitiva, sedução. Dispúnhamos de pouquíssimos recursos para as comunidades que tínhamos de atender.

RP – *Com quem o senhor fez a sua análise e a supervisão?*

RR – Fiz análise com Didier Anzieu e as supervisões, com Jean-Luc Donnet, um grande amigo de André Green, e uma psicanalista de Lyon chamada Jacqueline Cosnier, que, apesar de menos conhecida, é uma mulher notável. Logo entrei no grupo em que trabalhavam Donnet e Green. Não éramos muitos, o casal Botella também fazia parte. Naquela ocasião não havia muito mais do que esse trabalho. É claro, era a época em que as obras de Winnicott começaram a se tornar acessíveis em francês.

RP – *Como surgiu seu interesse pelas ideias de Winnicott?*

RR – O pano de fundo era este. Diante de situações clínicas no terreno do proletariado, em um contexto de grande pobreza, de grande precariedade, eu tinha um sentimento de inadequação da formação que eu havia realizado nos institutos de psicanálise – e que ainda estava recebendo – para enfrentar essas questões. Senti então a necessidade de recorrer a outros pensadores para abordá-las. Em primeiro lugar, trabalhávamos em serviços de atendimento à saúde e começamos a perceber que, se embarcássemos pacientes psicóticos em psicoterapias, o tratamento levaria vinte anos. Eu mesmo conduzi psicoterapias de pacientes psicóticos durante vinte anos, vinte anos de tratamento com uma mesma pessoa.

Mas isso nos tomava todo o tempo, porque podíamos atender apenas alguns pacientes. Então decidimos tentar psicoterapias curtas. Era a época em que, na



escola de Palo Alto, Bateson e Watzlavick começaram a propor os sistemas de psicoterapia breve. Na mesma época, meu amigo Jean Furtos voltou da Califórnia, onde havia conhecido o trabalho de todos os grupos californianos: bioenergia, análise transacional, grupo de confrontação, grupos de toxicomania. Atendíamos uma população de toxicomaníacos, de adolescentes com dificuldades em relação ao corpo. Você se depara com problemas clínicos, e a psicanálise não lhe oferece muitas ferramentas para enfrentá-los, mesmo quando você tem uma grande identificação com ela.

Então buscávamos aqui e ali respostas para as questões clínicas que encontrávamos e tentamos desenvolver psicoterapias curtas. Eram paradoxais, mas mantínhamos uma escuta psicanalítica; como se tratava de consultas no serviço público, era inviável, repito, ocupar todo o horário unicamente com psicoterapias muito longas. Havia o paradoxo de Palo Alto, a transferência paradoxal de Didier Anzieu, a paradoxalidade de Racamier, o esforço para enlouquecer o outro de Harold Searles, um psicanalista americano que trabalhou muito com pacientes psicóticos. Quanto a mim, reuni tudo isso, acrescentando ainda Winnicott, e escrevi meu primeiro livro, minha primeira tese sobre o paradoxo na psicanálise, com uma hipótese fundamental: se o mundo da relação com os objetos é comandado pelo conflito, o mundo da relação do sujeito consigo mesmo é comandado pelo paradoxo. O paradoxo, a reflexividade, são coisas que não param de se voltar contra si mesmas. Portanto, com Winnicott, temos os paradoxos da relação transicional, que é uma relação que busca saídas, as soluções transicionais, mas que supõem certas condições. Trabalhamos então sobre quais seriam as condições para que os paradoxos do espaço transicional pudessem se desenvolver. A clínica nos mostrava impasses do tipo *double bind*, isto é, paradoxos em situação de impasse. Havia dois paradoxos: o paradoxo que gerava impasses e aquele que produzia aberturas à simbolização. O paradoxo central era o da situação psicoterapêutica ou psicanalítica em si mesma, em que a situação proposta para analisar a transferência se torna ela mesma objeto de uma transferência, com a necessidade de se trabalharem todas as transferências para a situação analítica. Há uma transferência para a situação e, na América do Sul, encontramos referências como as de José Bleger: *Psychoanalysis of the Psychoanalytic Frame (Psicanálise do Enquadramento Psicanalítico)*.

Trabalhamos sobre todas essas questões, surgindo daí a ideia desses processos de transferência paradoxal. Propus a ideia de que essas transferências paradoxais permitiam analisar a situação psicanalítica. Com esses pacientes, as reações terapêuticas negativas, as transferências delirantes, as transferências passionais, certos aspectos das transferências narcísicas punham em perigo a



situação psicanalítica *standard* e evidenciavam certas características dessa situação que os pacientes neuróticos não nos permitiam perceber. Por exemplo, a transferência é espontânea ou produzida pela situação? Neste caso, ela é criada ou encontrada, com pacientes *borderlines* que não param de dizer: “Esta situação me impõe...”, “Esta situação me induz...”, “Esta situação me influencia...”? Ora, é bem verdade que a situação induz algo, algo que não conhecíamos muito, isto é, justamente todos os aspectos de influência, de indução, produzidos pela situação. Todos os pacientes com sensibilidade narcísica particular são extremamente sensíveis a todos esses elementos da situação.

Isso, então, me levou à minha segunda tese, uma tese de mil e duzentas páginas, dedicada ao *setting* analítico, retomando toda a história da psicanálise desde a hipnose. Remontei a mais de um século para ver como se criara aos poucos a situação psicanalítica numa lenta evolução. É importante fazer isto, porque se percebe que a situação psicanalítica não é algo que exista de forma absoluta, que seja fixo e imutável. Se ela já evoluiu, pode continuar evoluindo. Ela evolui sob a pressão de um determinado tipo de problemática de certos pacientes; criou-se no contexto de uma clínica específica que dizia respeito à sugestão, à hipnose relacionadas com a histeria. Foi Emmy von N. que disse a Freud: “Não se mova, não me toque, não diga nada, não me pergunte se isso ou aquilo... Deixe-me dizer tudo o que tenho para dizer até o fim”. Isso é extraordinário! E Freud responde: “Eu consinto”. Ele aceita, e é a paciente que acaba de criar os fundamentos do dispositivo. Depois disso ele se organiza com a neurose obsessiva. Com Ferenczi, o *setting* vai novamente adaptar-se às problemáticas *borderlines*, que, na época, mesmo não sendo assim chamadas, correspondiam à problemática de seus pacientes, à problemática dos grandes traumatizados. Toda a obra de Ferenczi consiste em um trabalho com o fim de encontrar um modo de fazer evoluir a situação psicanalítica para dar conta de seus pacientes. Em muitos aspectos Melanie Klein e Bion trabalharam questões semelhantes. Embora não tenham tocado no dispositivo, eles modificaram o modelo de pensamento. Trata-se do modelo da *rêverie* materna como novo modelo para se pensar o modo de pensar a dois. Lacan, por sua vez, propôs uma modificação do dispositivo. Surgiram as sessões curtas e, para explicar por que instaurou situações de sessões curtas, ele dá o exemplo de um paciente que sofre de compulsão à repetição.

Voltarei a Winnicott, não o perdi de vista. Dou aqui apenas um panorama: para Ferenczi, os kleinianos e Lacan, a solução é modificar a ciência, assim como para Winnicott também. Surge então, com Winnicott, toda a questão dos remanejamentos do dispositivo, que podemos observar no tratamento de Margaret



Little, no tratamento de certos adolescentes psicóticos, em que ele começa por assegurar-se que exista uma família de acolhida, uma situação confiável, um trabalho suficiente antes do tratamento. Houve uma modificação do dispositivo e, depois, uma revolução em Winnicott representada pelo artigo *O medo do colapso*, em que bruscamente ele diz: “Estamos enganados”. A psicose – ou aquilo que denominamos psicose – não é o fundamento do problema. Trata-se de uma organização defensiva contra uma angústia agonística. É o que os bionianos chamarão de *terror sem nome*.

Surge então uma nova hipótese clínica, para mim absolutamente fundamental. O sujeito sofreu um traumatismo primitivo. Este traumatismo foi tão desorganizador, tão mortal psiquicamente, que o sujeito se retirou da situação traumática. Isto quer dizer que não foi elaborada, nem metabolizada, permanecendo congelada, petrificada, imobilizada, clivada, enterrada e, portanto, não processada. Posteriormente, quando a situação cede, cessa, o sujeito se recompõe, mas mantém consigo esse pacote, que ele gravou, embora não o tenha processado, e o submeterá à compulsão à repetição, que, neste caso, é como uma exigência de simbolização ou uma exigência de integração. Porém, quando a mesma experiência é revivida, ela volta a ser ameaçadora, uma vez que é o retorno de uma situação traumática.

Sobre a primeira situação traumática, deixo-a de lado e me retiro; recomponho-me, e a situação traumática tende a retornar incessantemente. Preciso adotar uma organização de defesa para me proteger dessa situação. Os quadros clínicos das patologias narcísicas identitárias são esses mecanismos de defesa instalados para proteger o sujeito do retorno daquilo que não foi recalçado, mas, sim, clivado.

Esta foi, para mim, a revolução inaugurada por Winnicott, isto é, a partir do momento em que entendi isso, nunca mais trabalhei do mesmo modo. E tudo o que escrevi desde então foram diferentes maneiras de aprofundar, comentar todos os aspectos dessa hipótese winnicottiana. Assim, uma parte dos meus escritos se dedica a explicar quais são os traumatismos primitivos e aí está todo o meu trabalho sobre a agonia, a clivagem e a simbolização.

Em seguida me coube perguntar sob que traços e sob que formas são conservadas essas experiências agonísticas, o que permitiu perceber que elas são muitas vezes mantidas sob a forma de traços, sensações ou experiências corporais. Trabalhei essas questões em relação às experiências subjetivas dos dois primeiros anos de vida e como tais experiências produzem sintomas psicossomáticos, sintomas de perversão sexual, de confusão do pensamento, comportamentos delinquentes e antissociais. Para concluir, antes de passarmos a outra questão, vejamos como podemos trabalhar: identificar os sinais oriundos das experiências



agonísticas primitivas, preocupados não somente em saber como identificá-las, mas também como reintegrá-las nos circuitos de funcionamento da vida psíquica, desconstruindo a clivagem.

RP – *No seu trabalho A destrutividade e as formas complexas da sobrevivência do objeto, o senhor diz que a noção de destrutividade/sobrevivência do objeto cria um novo paradigma de interpretação. De que forma essa noção de sobrevivência do objeto modifica o trabalho interpretativo sobre aspectos da expressão da destrutividade?*

RR – Por que o paradigma é novo em sua concepção? Porque Winnicott nos fornece uma hipótese a respeito da descoberta e da gênese, não do objeto total, nem do objeto perceptivo, mas do objeto como um outro sujeito. Em outras palavras, como é que se descobre que o outro tem desejos, movimentos internos, afetos que possam ter relação com o sujeito, mas que não são o sujeito e dizem respeito ao outro? Há uma hipótese importantíssima: a de que a consciência do outro e da subjetividade do outro e a consciência de si e da sua própria subjetividade organizam-se ao mesmo tempo. Não se alcança primeiro a consciência de si mesmo para depois chegar à descoberta do outro. Compreendo a subjetividade do outro e a minha subjetividade pessoal em um mesmo movimento. A pergunta de Winnicott é, então, a seguinte: como isso acontece? Não é quando tudo evolui bem que se descobrem as coisas. Quando tudo evolui bem, a criança alucina o objeto da satisfação, a mãe fornece o objeto da satisfação e a criança tem a ilusão de que a pulsão se satisfaz sozinha. Não existe si mesmo, não existe outro, há uma pulsão que se satisfaz quase que por si mesma. Podemos dizê-lo em outros termos: ela vem tanto de um quanto do outro. Portanto, não é no campo da experiência de satisfação que se deve buscar a resposta para a pergunta: como nascem a consciência de si e a consciência do outro?

RP – *Esta pulsão já seria mensageira?*

RR – Não totalmente, pois, para que haja uma mensagem, é preciso um outro a quem ela seja endereçada. Porém, ao mesmo tempo, ela tem de ser potencialmente mensageira. É o que virá a acontecer que tornará essa potencialidade efetiva. Assim, a experiência proposta por Winnicott, os momentos identificados por ele como decisivos são aqueles de fúria ou de raiva, que não devem ser buscados nos momentos de satisfação, prazer ou felicidade, mas naqueles de insatisfação e desprazer. Encontramos uma hipótese semelhante em



Freud, que dizia: “O objeto nasce no ódio”. É neste ponto que encontramos um distanciamento importante em relação a Freud. Winnicott diria: “Sim, o objeto nasce no ódio, mas nasce como aquilo que resiste ao ódio”.

Imaginemos, pois, a cena de um bebê que berra, chora, grita, que está mal, desorganiza-se, em resumo, um bebê no pior estado. A mãe constata o estado em que se encontra o bebê. O que se desenrolar daí vai depender do modo como a mãe viverá essa situação e como reagirá. A mãe atinge um ponto de impotência, algo que todos nós já vivemos, não se sabe o que fazer com este bebê que chora. A mãe pode sentir-se tentada a dizer que a criança é insuportável, que tem vontade de colocá-la lá, no canto do jardim, para que continue chorando e ela não a ouça mais. Isto é um tipo de represália: eu castigo você, abandonando-o porque realmente não se comporta. Ela pode realizar outro movimento que consiste em pensar que não é uma boa mãe e que, se o bebê chora, é porque ela não agiu como devia, passando então a uma série de condutas reparadoras, tentando fazer qualquer coisa para, a todo custo, fazer parar esta criança que chora e berra. Mas ela também pode retirar-se, pensando que o bebê é tirânico; acreditou ter se livrado da tirania dos pais durante a adolescência, conquistou o direito à sua vida de mulher e agora está ali com um bebê que a inferniza como eles a infernizaram. Vinte anos perdidos. E, então, depressão!

Em qualquer um destes casos, o bebê vive o fato de que sua raiva destrutiva gerou destruição, o objeto, portanto, não sobreviveu à vivência destrutiva do bebê. Todas as mães do mundo vivem momentos ora de recuo, ora de “estou farta, vou jogá-lo pela janela”, ou ainda “chega, você não vai se calar um pouco?”... O importante é que estas reações não sejam maciças, que a mãe se mantenha viva, isto é, sem muita represália, sem muito recuo, sem muita reparação, mantendo, por outro lado, um elemento de criatividade. Estar vivo, sobreviver é ser criativo. O bebê está ali, berra, você coloca a mamadeira em sua boca, mas ele nem percebe que está com a mamadeira. Então, é preciso fazer algo especial para restabelecer o contato com o bebê, mostrando-lhe de alguma maneira que alguma coisa não foi destruída, permanece ali e pode satisfazê-lo.

É isto que modifica o trabalho interpretativo, ou seja, o importante é a capacidade do analista para se manter vivo quando a destrutividade está no centro do processo; ele não deve exercer represálias, fazer interpretações, pois a interpretação é uma represália e a teorização também. Vocês sabem que um capítulo do livro *L'enfant de ça*, de Jean-Luc Donnet e André Green intitula-se “La représaille théorique” e que toda uma parte da teorização dos pacientes perversos, *borderlines*, psicóticos tem uma parte de teorização de represália pelo que eles nos fizeram viver na transferência. Temos disso um exemplo perfeito: dizer que



um paciente é perverso é insultá-lo, dizer que ele é *borderline* também é um insulto. Podemos até dizer isso de um processo, mas de um sujeito...

Dizemos que os pacientes são paranóicos, melancólicos... todas estas palavras são as mesmas utilizadas como insultos na vida corrente. Isto é represália teórica. Além disso, há uma outra série de represálias teóricas. As palavras usadas pelos analistas para descrever o que acontece com certos pacientes querem dizer que eles não são como deveriam ser, não respeitam o outro, não querem reconhecer a diferença dos sexos, não querem reconhecer a diferença de gerações. Com a teorização, fazemos represália contratransferencial. Numa outra forma de represália, dizemos que eles atacam o *setting* ou então que têm uma grande destrutividade, o que significa o seguinte: eles são maldosos. Toda esta linguagem traz a marca da reação contratransferencial a esses movimentos de raiva, às nossas vivências de impotência. Eis alguns aspectos das mudanças paradigmáticas!

Como veem, isto tem consequências sobre nosso modo de pensar os processos e, portanto, de intervir neles. Quero acrescentar apenas uma palavra que, embora provocadora, é sem maldade: na corrente kleiniana, tem-se o hábito de dizer que a destrutividade e a transferência negativa precisam logo ser interpretadas. Ninguém se pergunta sobre o efeito de reforço da destrutividade, da transferência negativa que a interpretação sistemática comporta. Todos nós sabemos que, na vida corrente, basta começar a dizer que uma criança é desagradável, destrutiva, que quebra tudo, etc., para que ela se comporte exatamente assim. □

Tradução de **Vanise Dresch**

Revisão técnica de **Rosane Poziomczyk**

René Roussillon

12 quai de Serbie, 69006 Lyon – France

e-mail: rene.roussillon@wanadoo.fr

© Revista de Psicanálise – SPPA